

Ministério de Minas e Energia
Assessoria de Comunicação Social – ASCOM

Destaque: (em negrito) Matérias que citam o Ministro Bento Albuquerque ou o MME:

Sumário

VEÍCULO: Valor Econômico	1
Título: Petrobras reduz importação de gás natural da Bolívia	1
Título: Preço do milho recua no país, mas patamar ainda é elevado	3
Título: Curtas	5
VEÍCULO: O Estado de S. Paulo	5
Título: Por que o petróleo ficou abaixo de zero?	5
Título: Escassa, gasolina da Venezuela é mais cara do mundo	7

VEÍCULO: Valor Econômico
Data: 27/04/2020
Seção: Empresas
Autor: André Ramalho — Do Rio
Título: Petrobras reduz importação de gás natural da Bolívia

Diante da deterioração do consumo de gás natural, em meio à crise econômica, a Petrobras declarou motivo de força maior para reduzir as importações de gás boliviano para volumes abaixo dos compromissos mínimos assumidos em contrato. Com a queda da demanda, a estatal brasileira tem descumprido também acordos para compra de gás de sócios e recorrido a cortes nas compras

de gás natural liquefeito (GNL). Por outro lado, a empresa se esforça para preservar a produção do pré-sal, cujos campos são mais competitivos para enfrentar a atual crise do setor, segundo consultorias.

Em março, Petrobras e a boliviana YPFB fecharam um aditivo para extensão do contrato de importação de gás do país vizinho. A petroleira brasileira se comprometeu, na ocasião, a retirar entre 14 milhões e 20 milhões de metros cúbicos diários (m³ /dia), mas, segundo a YPFB, a Petrobras tem retirado cerca de 10 milhões de m³ /dia.

Em nota vinculada na agência estatal de informações da Bolívia, a ABI, o presidente da YPFB, Herland Soliz, disse que a “entende a questão de força maior”, mas cobra negociação com a Petrobras sobre como o descumprimento do contrato pode ser compensado. A companhia boliviana alega que a redução da produção local pode trazer “danos técnicos aos reservatórios”.

Ao declarar motivo de força maior, a Petrobras repete a mesma estratégia adotada junto aos seus sócios no campo de Manati, na Bahia. Em meio à crise, a estatal também notificou a Enauta, PetroRio e a Geopark sobre o corte, para abaixo dos volumes mínimos fixados em contrato, da compra de gás de suas parceiras no ativo.

A Petrobras defende que, tanto na relação com a Bolívia quanto em Manati, “atua em conformidade com as condições contratuais”. “A invocação de ocorrência de um evento de força maior pelos agentes afetados pela pandemia decorre de um direito legal e contratual quando caracterizado um evento imprevisível e que impeça o cumprimento regular das obrigações originalmente estabelecidas”.

A estatal informou ainda que vem adotando outras “medidas excepcionais” para mitigar o risco de desbalanceamento entre oferta e demanda. Uma das opções foi revender, no mercado internacional, as cargas de GNL já adquiridas, previstas para serem entregues em abril e maio na Bahia e Ceará.

A Wood Mackenzie estima que, na primeira quinzena de abril, o consumo de gás, no país, já era 17% menor que o de março e 28% inferior a fevereiro. Segundo a consultoria, a Petrobras tem optado por cortar campos de gás e importações. A expectativa da Wood Mackenzie é que as compras de GNL sejam suspensas até agosto.

A Petrobras tem tentado preservar o pré-sal porque o gás produzido na região é associado ao petróleo. Se interromper a operação desses campos, a produção de óleo também é afetada. “Ela está priorizando o pré-sal porque é um petróleo muito competitivo, que o mundo continua comprando, por causa do seu baixo

teor de enxofre”, explica o diretor-executivo da Gas Energy, Rivaldo Moreira Neto.

O chefe da Wood Mackenzie no Brasil, Pedro Camarota, destaca que a crise atual deixa lições para a abertura em curso do mercado brasileiro de gás, dentre elas a necessidade de avanços regulatórios para gerenciar situações extremas de excesso de oferta ou de escassez. “Como ator integrado, a Petrobras sempre atuou para garantir a segurança do sistema. Não havendo ela como agente dominante, o risco para a cadeia seria alto em situações de desequilíbrio”, afirma.

Ele defende a regulamentação da figura do supridor de última instância - responsável por garantir a oferta a consumidores que por algum motivo não conseguirem ser supridos por um dos agentes do mercado livre. “Falta também uma definição mais clara sobre como se dará a interconexão com o sistema elétrico”, disse o chefe dos mercados de gás da Wood Mackenzie na América do Sul, Mauro Chavez.

VEÍCULO: Valor Econômico

Data: 27/04/2020

Seção: Agronegócios

Autor: Marcela Caetano — De São Paulo

Título: Preço do milho recua no país, mas patamar ainda é elevado

Ainda que as cotações do milho tenham recuado quase 20% no mercado internacional neste ano, pressionadas principalmente pelo tombo do petróleo, os preços permanecem em elevado patamar mercado doméstico, sustentados pelo câmbio, pelas incertezas em relação ao volume a ser colhido na safrinha e à demanda até agora aquecida pelo grão, principalmente para a produção de ração. O cenário favorece produtores e exportadores, mas espreme as margens dos frigoríficos de aves e suínos, que estão com dificuldades para repassar o aumento de custos em tempos de atividade econômica retraída por causa da pandemia.

Pressionados pelo petróleo e pelo encolhimento da produção americana de etanol, na bolsa de Chicago os contratos futuros de primeira posição chegaram a registrar o menor valor em 13 anos. Na sexta-feira, os contratos de segunda posição encerraram o pregão a US\$ 3,23 por bushel, e passaram a acumular quedas de 6,7% neste mês e 18,2% em 2020. Já o indicador Esalg/BM&FBovespa para a saca de 60 quilos negociada no Brasil fechou a R\$ 47,60 na sexta, com baixa de 20,9% em abril mas praticamente o mesmo nível do início de janeiro. No fim de março, a barreira de R\$ 60 foi superada.

Embora a deterioração dos preços domésticos tenha se acelerado, analistas apontam que a tendência de queda também vai se aprofundar em Chicago. “Enquanto o petróleo estiver pressionado, há espaço para a cotação cair abaixo de US\$ 3 por bushel”, afirmou o analista Carlos Cogo, da Cogo Consultoria.

Victor Ikeda, analista de grãos do Rabobank, avalia que, nesse cenário, o produto brasileiro segue competitivo. “Mesmo com Chicago caindo a US\$ 3,20 ou US\$ 3,15 por bushel, o grão brasileiro tem prêmio nos portos de US\$ 0,38 ou US\$ 0,40 por bushel. Nas entregas para setembro, esse prêmio chega a US\$ 0,41 bushel. A paridade de exportação limita as quedas no mercado brasileiro”.

Mas, embora “descolados” de Chicago, os preços internos também deverão acusar os reflexos da entrada da colheita da safra de verão no mercado. “A pressão poderá aumentar, mas o valor praticado ainda é bastante elevado e os negócios acelerados foram expressivos”, diz Cogo. Ele calcula que de 40% a 50% da produção total do grão (verão e inverno) nesta temporada, estimada em 101,8 milhões de toneladas, foi vendida.

André Guillaumon, CEO da BrasilAgro, concorda que o milho no Brasil continua fortalecido, em boa medida porque, até agora, a demanda dos frigoríficos de aves e suínos está elevada. Ocorre que a avicultura, por exemplo já está revisando seu ritmo, porque o consumo doméstico dá sinais de enfraquecimento, e casos de covid-19 entre funcionários já começaram a levar à suspensão temporária das atividades em algumas plantas.

O Rabobank até o momento estima que a demanda do mercado interno deverá somar 68 milhões de toneladas, 4 milhões a mais que em 2019 - 2,5 milhões a mais para etanol e 1,5 milhão a mais para frigoríficos. Mas Ikeda ressalva que as incertezas são crescentes. “Havia uma perspectiva de demanda robusta, tanto para produção de ração quanto para o etanol. Mas o cenário pós-pandemia ainda gera dúvidas”.

Apesar de todas as turbulências, Cogo ainda estima um aumento de 8% na demanda pelo cereal neste ano. “Mas é importante que o país consiga exportar entre 30 milhões e 40 milhões de toneladas para não sobrar muito milho no estoque para a safra seguinte”.

Para que isso aconteça, ele avalia que os preços domésticos no mercado físico terão que se alinhar aos internacionais. Segundo Cogo, enquanto a saca do grão brasileiro custa US\$ 12,10, o cereal americano sai por US\$ 12,50 a saca.

Ikeda pondera que, se no mercado spot brasileiro o grão está mais caro, até pela oferta reduzida, contratos com entrega em julho e setembro seguem

competitivos e aliados aos prêmios, podem dar suporte para o escoamento da produção em uma eventual queda da demanda do mercado interno.

Para Guillaumon, porém, há outra frente de preocupação, que é a perspectiva de maior oferta e menor demanda nos EUA, por causa da crise do etanol. “Se a situação do petróleo não se reverter, vai ter muito milho americano no mercado externo, o que é preocupante para produtores e regiões muito ligadas ao milho exportação”.

VEÍCULO: Valor Econômico

Data: 27/04/2020

Seção: Empresas

Autor:

Título: Curtas

Consumo de energia sobe

O consumo consolidado de energia da Energisa cresceu 4,1% em março, para 3.110,1 gigawatts-hora (GWh), na comparação com o mesmo mês de 2019. O número considera os mercados cativo e livre. No mercado cativo, o aumento foi de 3,9%, para 2.591,9 GWh. O avanço no mercado livre foi de 5,3%, para 518,2 GWh. Considerando o fornecimento não faturado, o volume registrado em março foi de 3.172,4 GWh, contra 3.096,1 GWh em igual mês de 2019.

VEÍCULO: O Estado de S. Paulo

Data: 27/04/2020

Seção: Economia

Autor: COM AGÊNCIAS INTERNACIONAIS

Título: Por que o petróleo ficou abaixo de zero?

Antes que os novos contratos vençam nesta semana, vamos explicar tudo sobre esse fenômeno histórico

No próximo dia 30, os investidores de todo o mundo estarão com os olhos atentos aos vencimentos dos contratos futuros de petróleo para junho. A expectativa é de uma provável repetição de um momento único que aconteceu na semana passada. Na segunda-feira, o preço do barril da commodity fechou abaixo de zero pela primeira vez na história. A cotação negativa de US\$ 37,63 foi o resultado da combinação entre a pandemia global do coronavírus e um excesso de produto disponível nos mercados globais. Antes de responder sobre

as possibilidades desse fenômeno se repetir, é preciso explicar que o que foi negociado com valor negativo foi o petróleo WTI, que é referência no mercado americano.

Negociado na Bolsa de Nova York, o West Texas Intermediate é o produto extraído no Golfo do México. Uma de suas principais características é ser mais leve e fácil de ser refinado. O outro tipo é o Brent, que é o petróleo extraído do Oriente Médio e do Mar do Norte e comercializado na Bolsa de Londres. Esse é referência para o mercado europeu e também para o brasileiro, pelas características similares ao produto da Petrobrás. Ao contrário do WTI, esse óleo é mais pesado e, por isso, seu valor tende a ser menor. Mas o que ocorreu na semana passada foi o inverso e o WTI ficou “de graça”. Apesar dessa oscilação atípica nos preços, o WTI fechou na sexta-feira, dia 24 a US\$ 16,94 o barril enquanto o Brent estava cotado a US\$ 21,44 o barril. A dúvida, claro, é sobre o futuro do petróleo. E vamos ajudar você a entender.

O que vai acontecer nesta semana?

Os contratos de junho com vencimento no dia 30 são para o Brent, mas especialistas não acreditam na repetição dos preços negativos do WTI. A consultoria britânica Capital Economics diz que o mercado vai ser caracterizado por uma considerável volatilidade de preços por pelo menos mais um mês, até que a demanda global de petróleo atinja seu nível mais baixo. A agência de classificação de risco Moody's reafirmou que os preços negativos são uma anomalia. “O preço do WTI que vimos era para o contrato futuro de maio que vence no dia seguinte e precisava ser entregue fisicamente”, afirma Steve Wood, diretor administrativo da Moody's, que reforça dizendo que em um mercado normal os contratos raramente são liquidados.

Por que o preço do petróleo ficou abaixo de US\$ 0?

A crise desencadeada pelo coronavírus reduziu em um terço a demanda mundial de petróleo. A produção global, contudo, foi inicialmente acelerada pela crise entre a Rússia e a Arábia Saudita. O resultado disso é: excesso de petróleo e esgotamento gradual da capacidade de armazená-lo. Soma-se a essa relação distorcida entre oferta e demanda o vencimento dos contratos de maio do WTI no mercado futuro. Sem ter onde estocar o petróleo comprado, muitos investidores preferiram pagar para devolver os barris comprados, o que levou ao preço negativo. Houve um descasamento entre o mercado “de papel” (da bolsa) e o “físico” (armazenamento do produto). “A desconexão entre as bolsas de valores e a realidade econômica foi baseada em um otimismo que dificilmente será verdadeiro”, escreveu Joshua Mahony, analista sênior de mercados do banco suíço IG em relatório.

Quais foram as medidas tomadas pelos produtores?

Um corte combinado pela Opep+ (Organização dos Países Exportadores de Petróleo e seus aliados) deve ter efeitos concretos (mesmo que limitados) sobre os estoques. O ministro da energia da Rússia, Alexander Novak, disse na semana passada que o corte na produção da Opep+ deve ser de 15 milhões a 20 milhões de barris por dia a partir de maio – o cartel já tinha chegado a um acordo para redução de 9,7 milhões de barris por dia na oferta. O preço também será afetado pela evolução do combate ao coronavírus. “Os atuais preços do petróleo forçarão os produtores a continuarem reduzindo a produção.

Mas, à medida em que a demanda se recuperar, pelo menos parcialmente, quando os bloqueios para conter a Covid-19 forem reduzidos, o aumento de estoques deve cessar”, defendeu o Danske Bank, o principal banco dinamarquês. Tudo isso deve ajudar a diminuir bastante a pressão sobre o próximo vencimento dos contratos do WTI, que é mais crítico em razão da situação de excesso de oferta no mercado americano. O presidente Donald Trump anunciou que vai apresentar medidas para ajudar o setor, principalmente após o banco Morgan Stanley estimar que a capacidade do principal centro de estocagem de petróleo no EUA chegará ao limite em junho.

A Petrobrás será impactada?

As ações da Petrobrás não foram impactadas pela queda do WTI, pois a referência é o petróleo Brent. Mas a guerra de preços traz uma consequência para a companhia, que já foi obrigada a fazer 12 reduções de preço neste ano para não perder clientes internacionais. Nesta semana, a expectativa com os contratos na Bolsa de Londres podem influenciar o desempenho do papel. “A Petrobrás não é afetada diretamente pelo WTI porque tem como referência o preço do óleo Brent, o que acaba sendo uma blindagem”, afirma o analista Ilan Arbetman, da Ativa Investimentos. “Por outro lado, a volatilidade no preço do óleo WTI tira o ímpeto dos mercados globais e isso repercute de alguma forma no Brasil.”

VEÍCULO: O Estado de S. Paulo

Data: 27/04/2020

Seção: Internacional

Autor: REUTERS

Título: Escassa, gasolina da Venezuela é mais cara do mundo

Capacidade de refino está afetada e sanções complicam importações, levando população a apelar ao mercado negro

Os venezuelanos disseram ter pagado mais de US\$ 2 por litro de gasolina (R\$ 11,19) na semana passada em meio à escassez de combustível, uma das taxas mais altas do mundo e uma reversão dramática para um país da Opep que se vangloriava de ter o combustível mais barato do planeta. Graças aos subsídios do ex-presidente socialista Hugo Chávez – morto em 2013 – e seu sucessor e protegido, Nicolás Maduro, a gasolina vendida pela petrolífera estatal PDVSA – que detém o monopólio legal da venda de combustíveis – é basicamente gratuita na Venezuela.

Os motoristas oferecem aos trabalhadores dos postos de gasolina lanches ou algumas centenas de bolívares – menos de 10 centavos de dólar – em vez de pagamento. Mas a rede de refino de 1,3 milhão de barris por dia do país quase entrou em colapso, e as sanções dos Estados Unidos destinadas a derrubar Maduro complicaram as importações de combustíveis, levando os venezuelanos a esperar horas nos postos de gasolina ou a recorrer ao caro mercado negro. Octavio Salom, de 53 anos, disse que ele e outros pacientes renais na cidade de Puerto Ordaz, no leste do país, compraram 20 litros de gasolina a US\$ 2 o litro para os enfermeiros que fazem o tratamento de diálise pegarem um táxi até a clínica.

Na cidade de Maracaibo, os negociantes do mercado negro estão oferecendo 20 litros de gasolina por US\$ 50 (279,68), de acordo com uma testemunha. Em algumas áreas, os venezuelanos relataram pagar até US\$ 4 por litro (R\$ 22,37). Isso está acima dos preços das bombas em Hong Kong, que segundo pesquisas tem a gasolina mais cara do mundo. A gasolina nos postos Royal Dutch Shell na cidade era vendida por US\$ 2,15 por litro na quinta-feira, mostrou site da empresa. O governo da Venezuela está tentando reparar refinarias e na semana passada recebeu componentes da mistura usada na produção de gasolina, material de refino do Irã, além de técnicos e peças de reposição para ajudar a reparar uma das maiores refinarias do mundo.

O aumento do preço da gasolina na Venezuela ocorre no momento em que os preços nas bombas estão caindo em todo o mundo em razão da queda da demanda em meio ao surto de coronavírus. Nos Estados Unidos, os preços médios eram de US\$ 0,48 por litro na semana encerrada em 20 de abril, de acordo com a Energy Information Administration. A Venezuela está ficando sem combustível e seus estoques limitados de gasolina são racionados para militares e fornecedores de comida e remédios.

As sanções interromperam abruptamente suprimentos importantes e a população sofre com hiperinflação, escassez de alimentos e, agora, o coronavírus. “Os enfermeiros disseram que se não pudéssemos garantir o transporte, eles não poderiam fazer diálise”, disse Salom. A PDVSA não respondeu ao pedido de comentário.

MME / ASCOM .